

## Uma região de vários mundos

*Identidade é construída ao longo do tempo, sendo formada tanto pela história e linguagem quanto pelas relações sociais e interação com outras culturas*

*Pelo imaginário social, o Nordeste brasileiro pode ser visto equivocadamente como uma forma única e homogênea, sem a sua diversidade de sotaques*



Ilustração: Bruno Chiossi

Marcella Alencar  
marcella.talencar@gmail.com

Há algum tempo, um debate intenso tomou as redes sociais. Nas eleições de 2022, a disputa entre o atual presidente, Lula, e o então presidente Bolsonaro acirrou também uma disputa por narrativas, principalmente no antigo Twitter. “Obrigado, Nordeste, agora nos próximos quatro anos nós trabalhamos para tentar segurar economia e desenvolvimento enquanto vocês dormem e comem acarajé”, escreveu um usuário da rede social na época. “Nordestinos votam em candidatos de esquerda e depois saem do seu estado para tentar uma vida melhor no Sul”, escreveu outra pessoa, indignada com o resultado das eleições presidenciais.

Em uma pesquisa realizada com base no dia do segundo turno (3/10), em 2022, pelo Internetlab — centro independente de pesquisa interdisciplinar sobre sociedade, tecnologia e direito no campo da internet —, foi possível identificar essas duas narrativas em disputa nas principais temáticas ligadas ao termo “Nordeste”, na época. “Xenofobia/preconceito” (15%), “Fraude nas eleições” (13,49%) e “Orgulho do Nordeste/Orgulho de ser nordestino” (11,60%) figuraram entre os três principais temas.

A narrativa de que o Nordeste foi responsável pela vitória das eleições presidenciais do corrente ano formou um coro e adensou dois discursos diametralmente opostos. De um lado, a história do nordestino que foge de sua terra, tal como retratado na pintura *Os Retirantes* (1944), de Cândido Portinari. Do outro lado, o chamado “orgulho nordestino” e, atrelado a ele, todos os emblemas e regionalismos que estão presentes no imaginário social: gibão, chapéu de couro, sol forte, entre outros símbolos que compõem a identidade cultural nordestina.

De tempos em tempos, a narrativa de um Nordeste homogêneo com seu chapéu de couro na terra árida da Caatinga reaparece, e não apenas nos discursos separatistas, como o proferido durante as eleições de 2022. Ela também é enfatizada pelos próprios nordestinos em datas comemorativas, como o dia 8 de outubro, considerado Dia do Nordeste. Nesta data, em específico, o discurso de ser nordestino ressoa em alto e bom tom e com um forte sotaque, enfatizando as divisões da

região. Mas, assim como outras identidades culturais, a ideia de um Nordeste único é construída historicamente e socialmente, fornecendo à região uma identidade própria.

Na antropologia, identidade cultural refere-se ao conjunto de características, práticas, crenças, valores, costumes e símbolos que são compartilhados por um grupo de pessoas, distinguindo-a de outros.

A antropóloga e professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Luciana Chianca explica que, quando se fala em identidade cultural, se refere a tudo que é comum dentro de um circuito de relações. “Geralmente se busca aproximações, mas também nos distinguindo do outro, que é um grupo que não é o meu. De modo constantemente negociado e muitas vezes inconsciente, vamos mudando nosso modo de ser, ideias, valores e tudo que possa nos diferenciar dos outros grupos, afinal, não queremos ser confundidos com eles”.

Essa identidade é construída e negociada ao longo do tempo, sendo formada tanto pela história e linguagem, quanto pelas relações sociais e interação com outras culturas. Autores célebres das ciências sociais, como Stuart Hall e Glória Anzaldúa, tratam dessa temática de modo mais aprofundado, mostrando que os tensionamentos e as disputas em torno da ideia de identidade cultural são recorrentes e resultam, muitas vezes, em preconceitos.

A identidade nordestina, embora não tenha sido tema desses autores, é de muitos outros que relembram como algumas concepções em torno da identidade cultural nordestina criam marcas negativas que se sobressaem e tornam homogêneo um lugar que é tão

desse sempre figure como o outro, o regional, em uma relação mais ampla no contexto brasileiro. Consequentemente, precisaria se adequar ao que é o neutro e que é lido socialmente como se não possuísse marcas. “Hoje em dia vemos apresentadores de televisão buscando encobrir seus sotaques e a musicalidade das suas falas nordestinas, buscando aproximar-se de modelos de sotaque do Rio de Janeiro ou São Paulo: é mais uma forma de colonização cultural e de exercício de poder que alguns linguistas chamam de preconceito linguístico”, explicou Chianca. A professora, no entanto, ressalta que, apesar das marcas negativas, é possível identificar um Nordeste muito mais plural do que aquele que compõe o imaginário social da região. “O Nordeste é uma região que congrega diferentes modos de viver, especificidades econômicas, naturais, sociais, culturais. Para um baiano, o Nordeste reporta a uma ideia bem diferente, por exemplo, daquela apresentada por um maranhense, e o modo como percebemos o próprio Nordeste também varia segundo o tempo, as gerações, a escolaridade, a condição econômica, a cidade/bairro onde se mora”.

Ao mesmo tempo em que a região sofre com estereótipos e preconceitos, também redefine e transforma essas percepções, criando uma identidade plural, complexa e em constante negociação, a exemplo do que ocorre na época das festas de São João. “Elas constituem nossa identidade de modo profundo, porém, observando atentamente, percebemos que elas são muito diferentes. Todos sabem que é São João, mas o modo como cada lugar celebra é diferente. A variação de festas com bois, quadrilhas, fogueiras, fogos, mastros, banhos, músicas, comidas, decorações e vestimentas são uma prova da diversidade da festa junina nordestina”.

Para além das diferenças dentro da própria região, há também as questões ligadas à temporalidade. Essas manifestações culturais também sofrem com a pressão de manter-se dentro de uma “fronteira” demarcada e delimitada pela ideia da tão conclamada tradição regional.

É muito comum, no entanto, que o Nor-

## SOCIOLINGÜÍSTICA

# Modo de falar vai além do sotaque

*Variedades dialetais são formas que a língua pode assumir em função de aspectos geográficos, sociais e históricos*

Marcella Alencar  
marcella.t.alencar@gmail.com

O Nordeste é uma região construída no imaginário social como única e homogênea do ponto de vista, político e histórico, sobretudo. No entanto, são compostas por diferenças marcadas por processos de interlocução com outros lugares e dentro da própria região. A professora Luciana Chianca exemplifica essa interlocução com a forte presença na oralidade. “Um sotaque, por exemplo, é o resultado de negociações linguísticas entre línguas nativas, colonizações historicamente mais antigas ou mais recentes”.

Exemplo disso são as diferenças dentro da própria região de algumas palavras ou pronúncias. Aipim, macaxeira e mandioca, por exemplo, carregam consigo etimologias ligadas a uma forte herança ancestral, como explicou o professor e historiador Durval Muniz, autor de livros como *A Invenção do Nordeste* e *A Feira dos Mitos*. “Aipim é a palavra portuguesa, já mandioca é uma palavra indígena e macaxeira é a palavra africana. Então, para a mesma coisa, a gente tem três palavras que têm origens diferentes”.

É possível, portanto, perceber que a pluralidade cultural se espalha e também adentra a dimensão da linguagem. Uma das áreas responsáveis por estudar as variações na linguagem é a sociolinguística. Ela estuda a correlação entre língua e sociedade de forma sistemática. Dentro da sociolinguística, é

possível estudar as variedades dialetais que caracterizam, efetivamente, como uma dada região fala.

Embora a ideia de sotaque seja mais facilmente compreendida popularmente, aqui este termo será deixado de lado. Nesse momento é preciso entender que a linguagem possui uma determinada estrutura e é a partir dela que Marcus Sene, professor da Universidade de Pernambuco (UPE), prefere tratar. Natural de Minas Gerais, ele pesquisou mais profundamente sobre fonologia e ortografia, durante sua graduação, mestrado e doutorado.

Para o professor, explicar a diferença entre sotaque e variedades dialetais pode tomar muito tempo e levar a imprecisões nessas definições. “Acho que, se for para dizer sobre o modo de falar de uma região, nós sempre preferimos dizer: para além de um sotaque, as regiões possuem variedades dialetais que as caracterizam como uma comunidade de fala”, explicou Marcus Sene. Variedades dialetais são as diferentes formas que uma língua pode assumir em função de aspectos como a localidade geográfica, o grupo social e o contexto histórico.

“Sociolinguística, que é também uma das minhas áreas, verifica essas variedades ou pistas dialetais”. Ele explica que, entre as pistas dialetais investigadas, destacam-se as de natureza fonético-fonológicas e lexicais que são, em particular, mais fáceis de serem percebidas pelos falantes de certa região. A fonética e a fonologia são ramos que se comple-

mentam. A primeira estuda os sons produzidos pela fala, enquanto que a fonologia interpreta os aspectos apresentados pela fonética, descrevendo-os. Já o léxico diz respeito ao conjunto de palavras escolhidas na hora de falar.

Essas variedades linguísticas não se destacam exclusivamente entre as regiões brasileiras, mas entre comunidades em geral. “Se a gente ainda conseguisse ampliar um pouco essa lupa, encontraríamos até agrupamentos e pertencimentos diferentes, dentro desse mesmo espaço que falam de formas distintas. Agora, com as tecnologias, essa noção plural vai ficar muito mais evidente. Hoje é possível perceber até crianças usando itens lexicais comuns de São Paulo por conta da influência da internet”.

*Para o professor Marcus Sene, com as tecnologias, a noção de variedade linguística fica muito mais evidente*



Foto: Arquivo Pessoal

## Fronteira entre o familiar e o estranho

Entre os sons produzidos e o que se escuta, muitas coisas ficam no caminho e outras coisas são incorporadas. É o que atesta a professora de espanhol Sandra Fuentes de Azevedo.

Filha de pai espanhol e mãe carioca, ela possui dupla nacionalidade, escolhendo a Paraíba para morar há cerca de dois anos. Na linguagem e na fronteira, Sandra encontra um lugar familiar e estranho, que a coloca nesse lugar fronteiriço, de tensão com as duas línguas que fazem parte de seu cotidiano.

Desde que se mudou de vez para a Paraíba, a professora consegue perceber familiaridades em sons produzidos e também dificuldades que dizem respeito a entender pronúncias específicas de determinados lugares do Nordeste. “A pronúncia dos fonemas /t/ e /d/ é superparecida com o que temos na Espanha. Para mim, fica mais confortável de falar, até, porque é menos esforço que eu preciso fazer com a boca na hora de pronunciar”.

Essa é uma marca linguística majoritariamente comum ao Nordeste do Brasil, explica Sandra Fuentes, que teve uma parte da sua infância perpassada pela aprendizagem de um modo de falar mais carioca, herança adquirida de sua família materna. “Há algum tempo

atrás, eu tinha essa pronúncia mais carioca, por conta da minha mãe. Mas o meu cérebro se acostumou melhor a esse fonema como se fala aqui, na Paraíba, pois é praticamente igual na Espanha”.

Essa similaridade decorre do processo de colonização, que contou com a presença de espanhóis na região do Brasil, como informou o historiador Durval Muniz. “A ocupação do Nordeste é muito diversificada. Teve a presença de diferentes povos e que resultaram em formas de falar populares que, em tese, estão erradas, mas que, na verdade, são ‘espanholismos’ da época da União Ibérica”, explicou o professor sobre a época em que houve a dominação espanhola sobre Portugal. Por outro lado, o carioca herdou um modo de falar mais assoviado, devido à presença portuguesa no estado. “Mais de 30 mil portugueses desembarcam de uma vez só no Rio, junto com a coroa portuguesa”, explicou Durval.

Esse lugar de uma barreira, por vezes nebulosa, entre as línguas simboliza os tensionamentos históricos e culturais existentes ao longo dos séculos no Brasil e que marcam territórios linguísticos e imaginários do que conhecemos hoje como Nordeste.

Outro exemplo, dado por Sandra Fuentes, da influência espanhola nas pronúncias é a influência galega também no Brasil, devido à grande migração de pessoas da região da Galícia ao país. “O ‘oxente’

tem várias interpretações de linguistas. Mas a dominante é a da influência galega, que é uma das línguas oficiais da Espanha. ‘Ô gente’ tem uma pronúncia de /x/ e se transforma em ‘oxente’. Eu vejo que esse conceito coletivo de gente é muito usado aqui, como na região da Galícia também”, explica a professora.

Além da influência da Espanha no Brasil colônia, Durval Muniz também ressalta a presença holandesa no Brasil, que deixou algumas formas de falar específicas, sobretudo em Pernambuco. “Mas, claro, a maioria da nossa língua é influência dos falares portugueses, africanos e indígenas”, ressalta.

A influência de diversos povos foi estudada de maneira mais profunda em um esforço empreendido de tornar mais visível essas variações e de onde elas vêm. *O Atlas Linguístico do Brasil*, documento publicado pela editora da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e produzido por 15 instituições universitárias, resulta na produção de uma cartografia, que se insere na linha da geolinguística.

Significa que o livro contém um amplo desenho realizado, do Oiapoque ao Chuí, das diferenças dos dialetos de todas as regiões do país, levando em consideração gênero, geração, lugar, classe e alguns hábitos cotidianos. Com essas informações, o documento desenha um mapa das diferenças entre os dialetos das regiões do Brasil.



Foto: Arquivo Pessoal

*Professora de espanhol, Sandra Fuentes consegue perceber semelhanças e dificuldades em pronúncias específicas de determinados lugares do Nordeste*

IDENTIDADE CULTURAL

# Imaginário anacrônico engessa o NE

*Tradição regional precisa de reelaboração, atualização e liberdade para se adaptar aos novos contextos*

Marcella Alencar  
 marcella.t.alencar@gmail.com

Diferente do que possa se pensar, a construção de um Nordeste homogêneo não foi feito fora da região. “As próprias elites do Norte, que construíram a ideia do Nordeste, vão construir essa homogeneidade”, frisa Durval Muniz. “Porque o Nordeste surge no momento em que essas elites desse espaço perderam o domínio econômico e político da nação. Ao longo do século 19, principalmente com o desenvolvimento da economia cafeeira, São Paulo, que era uma área periférica do ponto de vista econômico e político, vai se tornando central. Você vai tendo um deslocamento do eixo econômico e político do norte para o sul”.

Para o professor, é preciso abandonar a ideia de um imaginário anacrônico que engessa o lugar do nordestino. “Muita gente reclama que o São João não é mais o mesmo. Há um reforço o tempo todo desse imaginário anacrônico. Com ele, a gente seria um espaço que não se transforma. Para as manifestações culturais permanecerem vivas, elas têm que se transformar, não podem ficar empalhadas”, diz o autor de *A Invenção do Nordeste*.

As fronteiras, apesar de demarcarem o lugar importante de uma identidade cultural, quando cerradas em si, podem recair no problema de não permitirem a saída dessas expressões para outros lugares no intuito de se manterem vivas. De acordo com Muniz, “ou a tradição se reelabora ou ela morre. É preciso atualizar, trazer traços, elementos culturais, mas adaptá-los aos novos contextos, senão não comunica. Os quilombos, hoje, para fazer

um projeto cultural, têm que dominar a internet, caso contrário não conseguem pedir nem dinheiro, nem recursos”.

Essas reelaborações são importantes na manutenção de uma série de relações, inclusive nas relações de trabalho. “Toda produção cultural é uma mensagem. Ela tem que comunicar, afetar, chegar às pessoas. Lia de Itamaracá hoje grava discos e CDs. Se Lia ficasse fechada lá na Ilha de Itamaracá, cantando na beira do mar, a ciranda ia morrer”, enfatizou o historiador, defendendo a presença da cantora pernambucana no palco do Rock in Rio, realizado neste ano.

cada vez maior. Graças a esses novos meios de comunicação, muitas pessoas que não dominam a escrita utilizam as novas tecnologias através da fala. A oralidade está sempre em movimento e transformação, sempre uma mistura de influências variadas”, pontuou o historiador.

Essa reflexão sobre a oralidade e a troca cultural ajuda a complexificar a ideia de que o Nordeste é apenas uma região “receptora” de influências, subvertendo a visão de subalternidade e regionalidade ligada a ela. Como Muniz destaca, as tecnologias e linguagens também são transformadas pelo contexto local, mostrando que há uma troca constante. “O Sertão também modifica o celular e não só o contrário”. Por isso, a ideia de um Nordeste único, com barreiras em concreto, são frutos de um imaginário social.

“**Para as manifestações culturais permanecerem vivas, elas têm que se transformar, não podem ficar empalhadas**”

Durval Muniz

“Orgulho de ser nordestino”

Uma manifestação cultural e uma linguagem na qual apenas um pequeno grupo domina, ela acaba por perecer na passagem do tempo, de acordo com Durval. “Estamos diante de uma nova cultura, onde a fala viva passou a ter uma importância

A fala de Durval Muniz ressoa com as ideias de fronteira cultural e identidade desenvolvidas por Gloria Anzaldúa, que propõe que, na realidade, as fronteiras — sejam elas físicas, culturais ou linguísticas — são lugares de encontro e transformação, e isso

reforça a percepção de que, apesar da confluência de símbolos, imagens e questões sociais que englobam o Nordeste, esse lugar também é múltiplo e não corresponde a um lugar único.

Apesar do destaque dado às transformações no âmbito das tradições, o historiador destaca que ainda há um imaginário predominante na ideia do que é ser nordestino, enfatizada, inclusive, pelos próprios nordestinos como um lugar comum a todos. “Toda vez que dizemos ter orgulho de ser nordestino, eu pergunto o que é ser nordestino. O que está ligado a esse imaginário de ser nordestino? A ideia de que nós somos cabeças-chatas? Que a gente tem um corpo raquítico de retirante da seca?”, questionou, lembrando a famosa imagem do quadro de Portinari, *Os Retirantes*.

No entanto, parte da imagem que torna homogênea o imaginário social da região se constitui justamente como um modo de articulação política, que visava servir de base para as elites intelectuais e políticas da região. “O conceito de nordeste serve para se posicionar nacionalmente e disputar recursos, investimentos e obras públicas”. E, portanto, a ideia de Nordeste também homogeneiza.

Nas palavras do Durval Muniz, um discurso identitário cria uma pretensa unidade que não existe. “Você generaliza a paisagem da Caatinga e esquece que o Nordeste tem a Zona da Mata, tem a Mata dos Cocais, que, lá no Maranhão, tem inclusive Floresta Amazônica. Então, o Nordeste não é unitário do ponto de vista das paisagens. Como não é unitário do ponto de vista dos climas, basta ir a Garanhuns para estar em uma cidade que, às vezes, dá 12 graus centígrados durante o dia. Mesmo o Sertão não é homogêneo. O Cariri do Ceará fica em pleno Sertão, mas Crato é um oásis, com florestas e cachoeiras para todo lado. Não parece que está no Sertão porque, na verdade, tem essa diversidade que quase sempre é negada por esse discurso regionalista que homogeneiza aquilo que não é homogêneo”.



Oralidade está sempre em movimento e transformação, segundo o historiador e professor paraibano Durval Muniz

Imagem: Reprodução/Projeto Portinari



“Os Retirantes” (1944): famosa pintura de Cândido Portinari retrata a realidade da seca, que é estereotipada para uma visão geral da região Nordeste como um todo



Foto: Carlos Gomes/Divulgação



Atores do Grupo Carmin (RN) – Henrique Fontes, Rafael Guedes e Igor Fortunato – em uma das apresentações de “A Invenção do Nordeste”, peça baseada na obra homônima de Durval Muniz

SOTAQUE NEUTRO

# Busca por uma padronização da fala

Justificativa de uma “uniformização” é estabelecer uma pronúncia-padrão para o português falado no país

Audaci Junior  
audaciuniao@gmail.com

O “sotaque neutro” é a busca por uma padronização da fala de um indivíduo, no intuito de não especificar de qual região é a sua origem com base na variação linguística. Não é à toa que também é conhecido como “sotaque do *Jornal Nacional*”, uma alusão ao programa da Rede Globo.

Segundo a obra *Jornal Nacional: a notícia faz história* (Jorge Zahar, 2004), escrito por Ana Paula Goulart Ribeiro, uma fonoaudióloga fazia um trabalho de uniformização da fala de repórteres e apresentadores desde 1974, principalmente para amenizar os sotaques regionais.

A justificativa para tal foi uma definição de um “padrão nacional”, estabelecido por um congresso de filologia realizado em Salvador, em 1956, “no qual ficou acertado que a pronúncia-padrão do português falado no Brasil seria a do Rio de Janeiro,

com algumas restrições. Os ‘esses’, não poderiam ser muito sibilantes e os ‘erres’ não poderiam ser muito arranhados, guturais”. Em suma, o sotaque “correto” é sempre o de São Paulo ou o do Rio de Janeiro. Pior: nem são vistos como sotaques.

“Na verdade, o que é majoritário é o não marcado. O marcado é o minoritário, que é o subalterno”, analisa o historiador Durval Muniz. “A mesma coisa do ponto de vista racial: você não julga que o branco é cor. Pessoa de cor é o preto. O branco, como é pretensamente universal, a norma, aquilo que todo mundo deveria ser, não é marcado”.

Outro problema apontado pelo professor é que muitos artistas nordestinos, quando vão fazer um personagem que tem ligação com suas origens, são forçados a ter um sotaque estereotipado. “Eles não são nordestinos suficientemente”.

Muniz puxa pela memória a atriz e diretora Quitéria Kelly, do grupo

potiguar Carmin, que comandou a adaptação teatral do livro mais conhecido do historiador, *A Invenção do Nordeste*. Em produções da Rede Globo, como a novela *Renascer*, “ela foi obrigada a acentuar o sotaque, a fazer esse sotaque postiço, porque justamente se convencionou na produção televisiva que o nordestino falasse assim, esse ‘nordestinês’ que só existe nas produções midiáticas”.

“Essa ideia de que só nós temos sotaque é porque quem é tido como subalterno é quem tem a fala marcada. Quem é ‘o dominante’ nem percebe que tem sotaque. É curiosíssimo, por exemplo, as pessoas de São Paulo acharem que não têm sotaque, quando elas têm um sotaque carregadíssimo”, disse o professor.

Ao mesmo tempo, é muito difícil identificar definitivamente apenas um sotaque que deva existir em metrópoles como São Paulo e Rio, “porque são milhares de cidades dentro de uma mesma cidade”.



Foto: Bruno Martins/Divulgação

Atriz potiguar Quitéria Kelly, diretora da montagem “A Invenção do Nordeste”, foi obrigada a acentuar um “sotaque postiço” em produções televisivas

## “Atualmente, estamos entrando na era da oralidade digital”

Um escritor nordestino falar de seu quintal não implica dizer que há uma camisa de força que o ancora nas profundezas interioranas. Um dos tipos de prosa na segunda fase do modernismo brasileiro é o regionalista, que tem início com o romance *A bagaceira*, do paraibano José Américo de Almeida, em 1928. Ganham a alcunha de “autores regionalistas” nomes como José Lins do Rego, Jorge Amado, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.

Por conta dessa temática, há quem julgasse que as obras desses autores fossem merecedoras de serem classificadas como uma “subliteratura”, o que coloca um grande peso no preconceito e na estereotipada visão do imaginário social no julgamento. Inclusive, de as próximas gerações fica-

rem “reféns” de produzir apenas girando o mundo nesses assuntos, independentemente de serem relevantes.

“Essa ideia de tudo que a gente faz no Nordeste está condenado a ser regional é uma armadilha, que nós próprios nos colocamos, porque o regional significa menor”, conta Durval Muniz. “Quer dizer que literatura regional é uma literatura menor do que uma literatura universal ou do que uma literatura nacional? Então, um livro que fez grande sucesso, como *Torto Arado*,

somente porque foi escrito por um autor baiano, foi classificado por alguns estudiosos do Sul do país como literatura regional”.

Assim como em outras manifestações culturais, um artista nordestino não está condenado sempre a falar de cangaço, messianismo, seca, coronelismo e folclore, nas palavras do historiador. “Até parece que ele não pode falar de vida cosmopolita, pós-moderna, como se isso não existisse na região, como se o Nordeste não fosse uma região completamente moderna, com todas as contra-

riedades da modernidade, com as coisas boas e ruins dela”.

### Gambiarras linguísticas

Nos dias de hoje, com o acesso às novas tecnologias, independentemente de onde se esteja, a fala passou a ter uma importância cada vez maior no cotidiano. Quem não domina a escrita pode utilizar ferramentas como o WhatsApp para gravar áudios, por exemplo.

“Atualmente, estamos entrando na era da oralidade digital. Aquela

ideia de que a escrita ‘venceu’ a oralidade, de que a oralidade é a tradição e a escrita é a modernidade, a gente tem que rever”, pontuou o historiador. “A gente sabe lidar com a tecnologia, mas a gente sabe, acima de tudo, fazer gambiarra. Isso é uma coisa tipicamente brasileira. Nós sabemos fazer gambiarras linguísticas. Não sabe direito falar a língua, inventa e faz algo só nosso”.

Assim como a gramática é sempre viva e sujeita a transformações, a oralidade não fica atrás nessas mutações e incorporações. Do mesmo jeito que o paraibano Ariano Suassuna disse: “Não troco o meu ‘oxente’ pelo ‘ok’ de ninguém”, podemos colocar mais uma via nessa mão única: por que não usar as duas expressões?

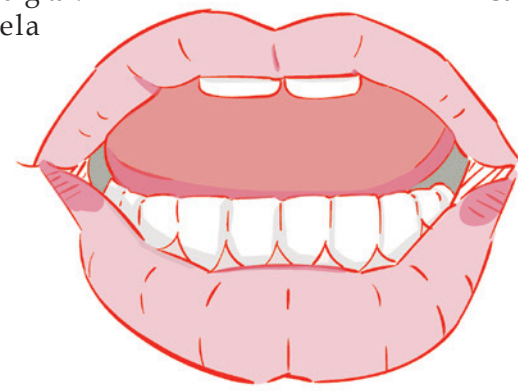
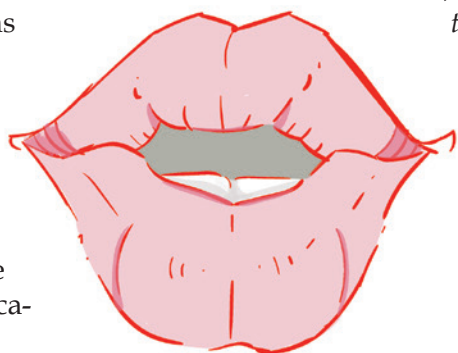


Ilustração: Bruno Chioffi